

Bacha diz que atual crise só se compara à de 1981

Arquivo — 11.5.86

Brasília — O governo brasileiro está adotando a política recessiva recomendada pelo Fundo Monetário Internacional, mesmo sem qualquer acordo formal. A conclusão é do professor Edmar Bacha, ex-presidente do IBGE, durante palestra na Universidade de Brasília, na qual disse que o país está vivendo o mesmo modelo proposto pelo ex-ministro Delfim Netto, em 81, com uma conjuntura recessiva que nunca houve antes.

Nem mesmo no período de Roberto Campos viveu-se esta situação — disse Bacha, lembrando que até o ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, adepto do monetarismo, classifica a política do atual governo de monetarista. A palestra foi dirigida a mais de 100 pessoas, entre professores e alunos de economia da UNB.

A avaliação do ex-presidente do IBGE é que, a partir da reunião do Conselho Nacional de Comércio Exterior (Concex), o governo criou estímulo à exportação, com recuperação rápida do saldo da balança comercial. Paralelamente, vem reduzindo a demanda interna, como arrocho salarial e aumento da carga fiscal. De acordo com os dados apresentados na palestra, o salário real já caiu 15% em relação ao final de novembro passado.

Este é, segundo Bacha, o mesmo quadro vivido em 81, com a redução do consumo interno para aumentar a capacidade de exportação do país e, desta

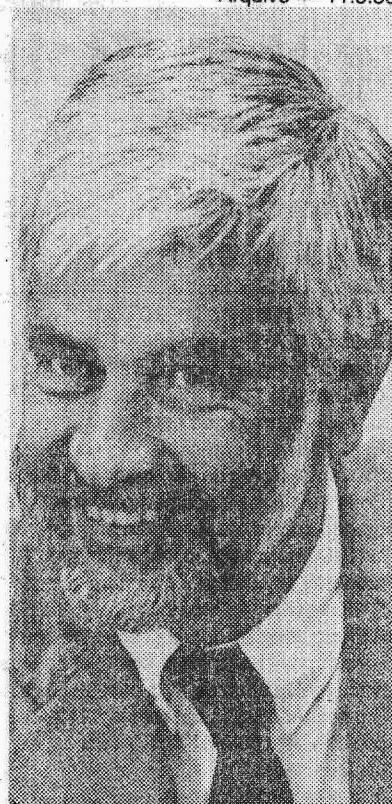
forma —, embora sem um acordo com o FMI — conseguir apoio do governo americano e das agências oficiais de crédito.

Mesmo concordando com a avaliação de que a crise cambial brasileira originou-se do excesso de demanda interna e do atraso nas desvalorizações do cruzado, Bacha considera que o ajuste poderia ter sido menos penoso, se feito há mais tempo. A partir de julho, segundo ele, o governo deveria ter começado o processo de realinhamento dos preços e o ajuste cambial, que reduziriam o consumo interno, sem traumas.

Dentro deste contexto, Edmar Bacha considera que a suspensão dos pagamentos dos juros da dívida externa deveria ter sido decretada ainda no ano passado, quando o governo dispunha do apoio da população.

Agora, sem ter conseguido a unanimidade popular, sem deixar claro “se a moratória foi adotada como estratégia de crescimento e não escapatória do fracasso do cruzado”, de acordo com Bacha, o peso da decisão tornou-se relativo. Para ele, os banqueiros internacionais estão sendo instigados a esperar o enfraquecimento da situação interna, com a mudança da postura brasileira.

Após a moratória brasileira, todos os grandes credores fecharam acordos externos, enquanto deixam a questão do pagamento do principal de suas dívidas para depois, esperando a solução que foi encontrada pelo Brasil.



Bacha afirma que só na época da Delfim a recessão foi tão profunda